

FACAPI – FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS DO PIAUÍ
CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANITA BEATRIZ MACEDO LOPES

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Uma revisão literária.

CAMPO MAIOR – PI
2023

ANITA BEATRIZ MACEDO LOPES

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Uma revisão literária.

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia da FACAPI – FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS DO PIAUÍ sob orientação da professora Ms Mestre Adelaide Maria de Sousa Costa como requisito a obtenção de Título de Licenciado.

CAMPO MAIOR – PI

2023

ANITA BEATRIZ MACEDO LOPES

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Uma revisão literária.

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia da FACAPI – FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS DO PIAUÍ sob orientação do professor Mestre Adelaide Maria de Sousa Costa como requisito a obtenção de Título de Licenciado.

Data da aprovação: _____ / _____ / _____ Nota: _____

Professor Orientador Mestre Adelaide Maria de Sousa Costa

Professor (a) Examinador (a) 1

Professor (a) Examinador (a) 2

Dedico esse trabalho a Deus, criador de todas as coisas aos meus familiares e amigos, por ter me dado força e um ombro amigo durante toda essa caminhada que nunca esquecerei.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pelas conquistas diárias, por ter me proporcionado força e coragem durante essa jornada da minha vida aos meus familiares e amigos que contribuíram para que eu conseguisse realizar esse trabalho, agradeço também aos professores por ter contribuído na minha formação.

RESUMO

A contação de histórias é um dos meios mais antigos de comunicação humana, usada desde os fundamentos da humanidade, através da linguagem os nossos antepassados transmitiam conhecimentos, estimularam a imaginação e a fantasia, também usaram a fala para transmitir valores morais, condutas e tradições. Através das histórias, as pessoas despertam a oportunidade de se tornar leitores assíduos e competentes linguisticamente, além de poder caminhar por uma estrada infinita de descobertas e compreensão do mundo. Em síntese o presente trabalho pretende analisar as contribuições do ato de contar histórias no espaço da educação infantil, procurando salientar como o professor pode incluir a narração de histórias na sala de aula, com o objetivo de desenvolver em seus alunos o interesse e o gosto pela leitura, à apropriação da linguagem formal e a obtenção de conhecimentos. A pesquisa justifica-se a nível social, tendo em vista que a contação de histórias é uma forma de humanizar as relações e formar laços, fundamentos que são claros ao se atentar para o interesse do homem em ouvir e contar histórias, caracterizando, assim, a busca de conhecimento; justifica-se, também, por contribuir para nossa formação acadêmica e profissional, uma vez que o foco de pesquisa está atrelado à relação professor e aluno, podendo auxiliar na reflexão da ação docente para a emancipação dos alunos. Diante dessas considerações, conclui-se que a contação de histórias é de grande importância, devendo ser valorizada e desenvolvida no meio escolar para potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória, o gosto pela leitura e outras habilidades humanas.

Palavras-chave: Contação de histórias. Educação Infantil. Leitor.

ABSTRACT

Storytelling is one of the oldest means of human communication, used since the foundations of humanity, through language our ancestors transmitted knowledge, stimulated imagination and fantasy, also used speech to transmit moral values, behaviors and traditions. Through the stories, people awaken the opportunity to become assiduous and linguistically competent readers, in addition to being able to walk along an infinite path of discoveries and understanding of the world. In summary, this work intends to analyze the contributions of the act of telling stories in the space of early childhood education, seeking to highlight how the teacher can include storytelling in the classroom, in order to develop in their students the interest and taste for reading, the appropriation of formal language and the acquisition of knowledge. The research is justified at the social level, considering that storytelling is a way to humanize relationships and form bonds, fundamentals that are clear when paying attention to the interest of man in listening and telling stories, thus characterizing the search for knowledge; it is also justified because it contributes to our academic and professional training, since the research focus is linked to the teacher-student relationship, which can help in reflecting on the teaching action for the emancipation of students. Given these considerations, it is concluded that storytelling is of great importance, and should be valued and developed in the school environment to enhance imagination, language, attention, memory, a taste for reading and other human skills.

Keywords: Storytelling. Child education. Reader.

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAP I - BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL	12
1.1 Educação X Assistência Social.....	12
1.2 LDB e BNCC na Educação Infantil	14
CAP II - CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO UM CAMINHO DE DESCOBERTAS E CONCEPÇÃO DO MUNDO	17
2.1 O que é contação de história?	19
2.2 A contribuição da contação de história para as crianças.....	21
2.3 Contação de história e os professores	24
2.4 Histórias adequadas para cada faixa etária.....	27
CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

A contação de história pode ser desenvolvida por qualquer pessoa que contemple as narrativas abrangendo-as de forma eloquente com uma boa voz, memória, recursos visuais e sonoros. Ler um livro se distingue de forma perceptível da contação de história, pois o ato de contar possibilita a o narrador criar e recriar o conto junto com seus ouvintes.

Com o passar dos anos e com a evolução tecnológica a contação de historia vem perdendo seu espaço no ambiente familiar, o habito de se reunir para contar lendas, vivências dos antepassados, dentre outros, está sendo substituído por televisões e celulares.

Há milênios de anos atrás os nossos ancestrais se reuniam em volta de fogueiras para compartilhar vivências, rituais e lendas, portanto o ato de contar histórias ao longo dos anos é uma ferramenta de transmissão e preservação de costumes, tradições, crenças, hábitos, lições de moral e conduta.

A inquietação que me levou a versar sobre esse tema é a necessidade de compreender se a contação de histórias inserida na educação infantil desenvolve a autonomia e o pensamento, desperta a imaginação, oportuniza vivência de varias emoções como medo, curiosidade, empatia, dentre outros, facilitando a resolução dos conflitos emocionais da criança;

Na fase inicial do desenvolvimento da criança a contação de história permite o contado com diversas formas de narrar e linguagens. A percepção singular de mundo e as experiências pessoais de cada criança ajudam na compreensão dos acontecimentos de uma história.

Os educandos anseiam cada vez mais por atividades que despertem prazer, conhecimentos e emoções. No momento em que algo é inserido de forma descomplicada e de fácil compreensão na sala de aula logo se percebe uma maior interação dos alunos, afinal de contas uma atividade criativa e bem desenvolvida produz uma reação em cadeia onde uma emoção desperta muitos outros conhecimentos.

Nessa linha de pensamento a pesquisa foi orientada pelo objetivo geral: Analisar a contação de história na Educação Infantil e pelos objetivos específicos: Definir e descrever á luz de teóricos, o que é contação de história; Refletir sobre a

contação de história em sua contribuição para a educação infantil; Verificar como os professores observados utilizam a contação de história na sala de aula.

Como justificativa para a escolha do tema, surgiu o interesse de desenvolver uma pesquisa, sobre a contação de história infantil na educação infantil, pois notei a necessidade que as crianças sentiam em “viajar” num mundo imaginário e divertido. Muitas crianças se prendem a aparelhos eletrônicos e acabam frustrando seu mundo encantado e assim crescem em um mundo de uma dura realidade.

Para realização desse trabalho a pesquisa norteou-se através de análises bibliográficas, seguindo a ideia de alguns autores que defendem a contação de histórias na educação infantil como um aliado necessário para uma possível melhoria no processo de ensino e aprendizagem. Através desta pesquisa podemos realçar a importância de desenvolver o trabalho pedagógico com o uso da contação de histórias.

A contação de história é importante e os educadores devem utilizar nos momentos certos e terá grande efeito no processo da aprendizagem espero que o estudo realizado nesse trabalho venha auxiliar os leitores que se interessem em utiliza-lo com fonte de pesquisa.

CAP I - BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Neste capítulo abordaremos a História da Educação Infantil, além de realçar como as crianças eram vistas ao longo do tempo. Também será debatido a respeito da criação e contribuições da LDB e BNCC para Educação Infantil.

O surgimento da Educação Infantil no Brasil se assemelhou a história dos modelos educacionais europeus. No contexto histórico a educação voltada para as crianças pequenas foi formada, por um lado; para as crianças da alta sociedade e, por outro, para atender e salvar as crianças carentes que não podiam ser cuidadas pelas mães.

1.1 Educação X Assistência Social

A Educação Infantil é o primeiro nível da educação básica, ela atende crianças de zero a cinco anos de idade. A mesma possui um sentido amplo, pois engloba todas as formas educativas presenciadas pelas crianças através da vivência com a família e comunidade, antes mesmo de chegar à idade escolar obrigatória. A Educação Infantil pode ser compreendida como uma das fases mais complexas e necessárias no desenvolvimento humano, em seus diferentes aspectos, sendo eles emocional, intelectual, emocional, motor, social, dentre outros.

Para compreendermos melhor a educação infantil é preciso olhar para o passado a cerca de como as crianças eram vistas pela sociedade, a criança sempre existiu, porém o termo infância é relativamente novo. As concepções do espaço das crianças na sociedade sofreram mudanças devido a os acontecimentos e modos de vida diferentes com o passar das décadas.

Nas comunidades primitivas as crianças eram diferenciadas dos adultos apenas por seu tamanho ou pela falta de habilidade na hora das tarefas do dia a dia, desde muito cedo as crianças eram separadas de sua mãe para ajudar os adultos no trabalho. Na educação grega os pequenos permaneciam com a mãe até os sete anos depois passavam a receber ensinamentos complementares. Já em Esparta as crianças que completavam sete anos se tornavam propriedades do Estado para receber uma formação de guerreiro.

Ao final da Idade Média ainda não se tinha concepção formada de infância, a mesma era vista como uma fase que devia passar rapidamente sem deixar vestígio para a vida adulta. Muitos acreditavam que a infância começava com o nascer dos dentes e terminava ao completar sete anos de idade.

De acordo com Aries (1981, p.33):

Sendo a infância negada no período medieval, as crianças eram percebidas como insignificantes como homens reduzidos, a criança deixava os cueiros, ou seja, a faixa de tecido que era enrolada em torno de seu corpo, ela era vestida como homem e mulheres de suas condições.

Foi entre os séculos XVII e XVIII que começou a ser pensado em uma nova concepção a cerca da infância, pois essa fase da vida trás consigo característica únicas. As crianças desde o inicio do mundo vem sofrendo privações de alimentação, de estimulações, as mesmas de certa forma ficam defasadas na sua capacidade de criar, na compreensão do mundo e de sua vida.

Com a chegada da idade moderna veio à consolidação da concepção de infância e criança, finalmente compreendida de forma especial, na qual a família passa a perceber que a infância corresponde à necessidade de respeito para com as crianças, além da compreensão que as crianças precisam de cuidados e de escolarização para o seu pleno desenvolvimento. A modernidade separou as crianças dos adultos, as mesmas são mantidas na escola até serem consideradas prontas para a vida em sociedade. Hoje em dia vimos às crianças como seres que precisam de condições necessárias para o seu desenvolvimento.

Com a valorização da criança como um ser social, começou a ser pensado em um espaço reservado e adaptado às necessidades das crianças. Entretanto os primeiros espaços pensados para as crianças tinham o objetivo assistencialista, ou seja, a função de suprir as carências das crianças, a maioria das instituições foram criadas para atender crianças pobres.

De acordo com Didonet (2001, p.12):

As referências históricas da creche são unânimes em afirmar que ela foi criada para cuidar das crianças pequenas, cujas mães saiam para o trabalho. Está, portanto, historicamente vinculada ao trabalho extradomiciliar da mulher. Sua origem, na sociedade ocidental, está no trinômio mulher-trabalho-criança. Até hoje a conexão desses três elementos determina grande parte da demanda, da organização administrativa e dos serviços da creche.

O trabalho feminino em conjunto com a questão econômica do processo de construção da sociedade capitalista do Brasil, e a revolução industrial, contribuiu para a criação das primeiras creches. Devido a não participação do estado na construção das instituições, o funcionamento inicial se deu por entidades de natureza filantrópicas, privadas e religiosas.

Segundo Kuhlmann (2000, p.8):

No estado de São Paulo, desde dezembro de 1920, a Legislação previa a instalação de Escolas Maternais, com a finalidade de prestar cuidados aos filhos de operários, preferencialmente junto às fábricas que oferecessem locais e alimento para crianças. As poucas empresas que se propunham a atender os filhos de suas trabalhadoras o faziam desde o berçário, ocupando-se também da instalação de creches.

As primeiras instituições de atendimento a criança no Brasil foram criadas nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Ofertadas por entidades privadas voltadas para atender as classes afortunadas, a partir desse acontecimento que surgem as iniciativas de criação de instituição para crianças pequenas.

A luta dos imigrantes europeus por direitos trabalhista no Brasil motivou a maioria das mulheres contratadas das fabricas a exigir seus direitos e a guarda das crianças durante o expediente de trabalho. Diante das manifestações o estado foi obrigado a criar creches, escolas maternais e parques infantis. A preocupação sanitária com o trabalho em creche e muitos debates sobre a educação ocupou os tabloides dos jornais do país.

Em sumo a Educação Infantil é oriunda de uma série de fatores sociais, onde a necessidade de atender os filhos das mães operaria ocasionou a busca por uma Educação Infantil não somente com caráter assistencialista mais também educacional. O surgimento da LDB e da BNCC fortaleceu o intuito educativo, além de assegurar direitos básicos das crianças, tais como, educação gratuita, o pleno desenvolvimento emocional, cognitivo, motor, social, dentre outros.

1.2 LDB e BNCC na Educação Infantil

A LDB, (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) é a mais notável lei brasileira que se refere à educação. A mesma foi aprovada em dezembro de 1996 com o

número 9394/96. A LDB é conhecida popularmente como Lei Darcy Ribeiro, em homenagem a este renomado político e educador brasileiro, que foi um dos principais colaboradores desta lei. O Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Tais documentos são, hoje, os principais instrumentos para elaboração e avaliação das propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil do país.

A Constituição Federal de 1988 confirma o dever do Estado e o direito da criança de ser acolhido em creches e pré-escolas. De acordo com a Constituição citada acima, a creche deixa seu caráter assistencialista para educativo constando no capítulo da Educação. A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB 9.394/96) regulamenta a Educação Infantil, estabelecendo a mesma como a primeira etapa da Educação Básica, assim estabelecendo como seu intuito o desenvolvimento integral da criança de zero a seis anos de idade, nos seus aspectos social, intelectual, físico e social, complementando a função da família e a ação da comunidade.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Resolução CNE/CEB n. 1, de 07/04/1999), de caráter mandatório, a serem analisadas na elaboração das propostas pedagógicas de cada estabelecimento. As Diretrizes recentemente abordadas foram revogadas pela Resolução CNE/CBE n. 5, de 17 de dezembro (BRASIL, 2009a), que cria novas diretrizes para esta etapa da Educação Básica.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de cunho normativo que determina um conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens fundamentais que todos os alunos devem aprimorar ao decorrer das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE).

A aprovação da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ocorreu em dezembro de 2017, após a aprovação iniciou muitas discursões em prol da melhor forma de inserir as novas diretrizes da BNCC na Educação Infantil de todo o país. Em essa etapa da Educação Básica, a BNCC define direitos de aprendizagem e os campos de experiências, além de substituir as áreas do conhecimento do Ensino Fundamental.

Em cada área existem objetivos de aprendizado e desenvolvimento do aluno, em vez de unidades temáticas são utilizados objetos de conhecimento e habilidades. É função das escolas garantir que seus alunos receberão, em sala de aula, as competências gerais estabelecidas pelo documento. O documento Base Comum Curricular determina um conjunto de competências gerais que todos os alunos devem desenvolver ao decorrer da Educação Básica, a mesma engloba a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

O primeiro texto sugerido contou com a colaboração de 116 especialistas em educação. A proposta foi aberta à consulta pública até março de 2016, quando foi revisada. Em maio do mesmo ano, a segunda versão do documento foi divulgada. Quase um ano depois, em abril de 2017, a terceira e última versão foi revelada e apresentada ao Conselho Nacional de Educação (CNE).

A implantação da nova base nas escolas públicas e privadas foi pensada para ocorrer até o dia 31 de dezembro de 2020. A mudança proposta pela BNCC na Educação Infantil está na definição de seis direitos fundamentais para as crianças de 0 a 5 anos: conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se.

Em síntese a LDB tem como objetivo regulamentar o sistema educacional brasileiro, e a BNCC se caracteriza por garantir aos estudantes o direito de aprender um conjunto primordial de habilidades e conhecimentos comuns de todas as escolas públicas e privadas do Brasil. Mediante o que foi abordado acima podemos perceber o papel transformador da educação e das leis que a regem, sem se distanciar do foco da educação o próximo capítulo vem mostrar a influência da contação de história na socialização e no desenvolvimento do aluno.

CAP II - CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO UM CAMINHO DE DESCOBERTAS E CONCEPÇÃO DO MUNDO

Antes mesmo do nascimento a criança já ouve história. A narrativa faz parte da vivência da criança ainda quando ela é bebê, através das canções de ninar, que é o ponto de partida para outras experiências como cantigas de roda, contos de fada, fábulas, dentre outros. A contação de história não é apenas um meio de lazer mais sim uma ferramenta de construção de saberes.

As palavras contação de história nos remetem a alguém da nossa família que contava histórias quando éramos crianças, essa prática vem perdendo a força devido às tecnologias, poucas famílias mantiveram essa tradição, às vezes por falta de tempo ou incentivo. Na sociedade moderna sobrou pouco espaço para a literatura, celular e aparelhos eletrônicos inundaram as casas, o que antes era um meio de diversão e lazer virou algo restritamente obrigatório pelas escolas.

Recontar histórias lidas ou ouvidas sempre esteve presentes na vida das pessoas desde os nossos antepassados, a escola tem como função manter essa pratica viva em meios a os desafios da modernidade. A criança naturalmente possuiu a necessidade de falar suas descobertas, anseios e vontades, a contação de história é como uma ponte entre o mundo da criança e o mundo literário.

De acordo com Abramovich e Fny (2006), a contação de história é essencial pra para a formação de qualquer criança, pois para um leitor existe um caminho infinito de possibilidades, descobertas e compreensão de mundo. Ouvir uma história desperta o imaginário, facilita a compreensão do eu e do outro, auxilia na resolução dos problemas emocionas, pois quando uma criança tem contato com uma história a mesma consegue visualizar outras realidades e meios de resolver conflitos e de responder duvidas existentes no seu mundo.

Quando as narrativas são contadas pelo um adulto para as crianças, abre-se um leque de oportunidades para que esses saberes, tão importantes para a sua construção social, cultural e educacional sejam aparentados a ela. Não só como um meio de disseminação de sabres a contação de história deve ser vista como um meio de lazer e entretenimento. A imaginação pode criar tudo que para o mundo real não é possível, todas as grandes invenções foram imaginadas por alguém que acreditava que elas podiam ser possíveis de criar.

A sala de aula é um ambiente de descobertas e vivências, onde o aluno divide suas experiências com o professor e os alunos. No momento da contação de história os alunos compartilham emoções e opiniões, assim trabalhando a oralidade e diminuindo o medo de expressar a sua opinião sobre um determinado assunto.

De acordo com Coelho (2000), as narrativas são uma significativa fonte de lazer para as crianças, pois influencia no seu desenvolvimento. Ao contar uma história às crianças aprendem a resolver problemas imaginários ou reais, além de desenvolver a capacidade de criar novos fatos, na maioria das vezes o que elas gostariam que fosse sua realidade.

É no exercício do contar que se amplia a visão sobre as coisas, sobre as pessoas que desempenha diferentes papéis na sociedade e sobre os personagens. Ouvir história é essencial para despertar o gosto pela leitura e escrita, na sala de aula os professores devem mostrar como o hábito da leitura pode ajudar e facilitar a vida. Os livros fazem parte de um mundo especial onde a fantasia se revela de formas diversas através de imagens e palavras.

De acordo com Lucas, Caldin e Silva (2006, p. 402), a contação de histórias tem por objetivos:

[...] favorecer a identificação com as personagens; [...] conduzir ao riso; aliviar as tensões diárias; diminuir o stress; facilitar a socialização; estimular a criatividade; diminuir a timidez; criar um universo independente da vida cotidiana; experimentar sentimentos e emoções em segurança; [...] mostrar que os problemas são universais e é preciso aprender a lidar com eles; facilitar a comunicação; desenvolver a maturidade; manter a saúde mental; conhecer melhor a si mesmo; [...] verbalizar e exteriorizar os problemas.

Através de uma história as crianças podem perceber que os seus problemas também são enfrentados por outras pessoas, que suas ansiedades e medos são sentidos por um personagem, as histórias não são feitas de acontecimentos isolados que só acontecem nos livros, mas sim de fatos que acontecem ou podem acontecer no mundo em que a criança está inserida.

Em síntese a sala de aula deve proporcionar momentos de contação de história, pois é uma atividade de extrema importância para o aperfeiçoamento e desenvolvimento dos saberes das crianças. O imaginário permite a criação de situações que as crianças gostariam que fossem reais, através da imaginação elas criam um mundo onde tudo é possível, e seus sonhos e vontades são realizados. É ouvindo história que as crianças obtêm conhecimentos que mais tarde serão usadas

em situações do seu dia a dia ou na escola. Durante a contação de história as crianças sentem e experimentam diferentes emoções, tais como, raiva, tristeza, paz.

2.1 O que é contação de história?

A contação de história surgiu antes mesmo da escrita, pois, desde o princípio a humanidade sentia a necessidade de repassar, através da oralidade, fatos históricos que faziam parte do passado de cada povo. De acordo com Busatto (2006, p.20); “o conto de literatura oral se perpetuou na história da humanidade através da voz dos contadores de história”.

Maior exemplo são os povos indígenas, pois Busatto (2006) destaca a importância que os índios davam aos círculos formados para dividir acontecimentos do passado de seu povo para as gerações.

[...] o pajé, que tinha só ele, os segredos da arte de dizer, deixou de ser um mero instrumento de diversão e encantamento popular, para ser depositário das tradições da tribo, as quais ele deveria transmitir às novas gerações para serem conservadas e veneradas através dos tempos (Busatto, 2006, p.17).

O momento da contação de história era realizado pelo membro mais velho da comunidade, em sinal de respeito por toda sua experiência de vida e de ter em sua maioria das vezes vivido os fatos relatados, então todos se juntavam em um círculo ao redor de uma fogueira e ouviam atentamente todas as histórias. (BUSATTO, 2006).

Sendo assim, o contador tornou-se um membro respeitado dentro de sua comunidade, por ser considerado o mais sábio, onde todos pediam seus conselhos. As histórias passadas respeitavam os costumes de uma determinada comunidade. Busatto (2006, p.25) diz que: “A contação de história ou narração oral ao sujeito que conta e ao sujeito que ouve um contato com outras dimensões de seu ser e de sua realidade que os cerca”.

Poderemos atribuir este transporte mental para aqueles que escutem a uma história a forma que ela esteja sendo repassada, pois é preciso que aconteça um envolvimento entre o leitor e seu público, para que este se envolva na magia dado conto executado. Dentro do contexto histórico que a contação de história é uma

prática muito antiga, pois atendia as necessidades de perpetuar um povo e este momento era muito importante para todos. (BUSSATO, 2006).

Com o decorrer do tempo a contação de história foi aproveitada para muitos propósitos como os religiosos, pois viram que era uma maneira de propagar as religiões, como também entreter a realeza de algumas regiões como os menestréis que tinham lugares de destaques nos reinos visitados. Segundo BUSATTO, (2006, p. 24) “Até os nossos dias de povos civilizados ou não, tem usado as histórias como veículos de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições ou difusão de novas ideias”.

Com o desenvolvimento da sociedade, e o surgimento da escrita deu-se origem aos contos onde os contadores de histórias também tiveram que mudar sua postura para que se mantivessem no posto de importantes contadores de histórias, pois tinham a oportunidade de mexer com o imaginário das pessoas.

Mesmo com o surgimento do cinema e o mundo virtual, para TAHAN, (1996, p. 16), “a arte de contar histórias encanta crianças, adultos ricos, pobres, sábios e ignorantes, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias dando-lhes vida e cativando a atenção”.

São muitos os gêneros literários estudados pelas crianças, mas, o que tem o maior poder de encantar as crianças da educação infantil são os contos de fadas, portanto para Tahan (1996, p.38), “o ato de contar histórias, é utilizada como veículo de verdades eternas”, visto tal afirmação a contação resiste ao tempo e perpetua toda herança cultural de um povo, pois dentro da educação infantil, temos a oportunidades de passar para as crianças os ensinamentos que foram nos passados com os nossos descendentes.

Quando a criança escuta uma história infantil sua imaginação vai além, das fronteiras do imaginário e leva-a ao encantamento do seu mundo infantil onde só existe em sua mente. As histórias infantis têm o poder de auxiliar as crianças em seus temores, traumas, lesões, desafios e dificuldades. Por isso é tão importante que as crianças tenham contato com o mundo imaginário das histórias.

Segundo Bettelheim (1980), a contação de história oral é uma passagem para o desenvolvimento amadurecimento e sedimentação da individualidade, da autovalorização e da importância de um futuro feliz, assim gerando a renúncia das conexões infantis e deixando abertura para o diálogo com a obrigação moral e a convivência social, ajustada na consideração ao outro. 14 A história na educação

infantil oferece estruturas para encarar os problemas de modo proveitoso e criativo, conduzindo a criança ao um mundo magnífico onde os métodos vivenciados pelos personagens e suas aventuras são cheias de significados. A criança sente isso, ela embarca no mundo do conto, um mundo de expectativa, escolhas e possibilidades: alternativas sobre o que fazer diante de uma ampla limitação, possibilidades e recursos criativos para a superação dos problemas e como lidar com os sentimentos.

2.2 A contribuição da contação de história para as crianças

Dentro da história da educação, percebe-se que a criança, era vista como um adulto em miniatura, pois sua educação era formada para seguirem as mesmas posturas intelectuais de um adulto. Os contos que eram passados pelos mestres contadores de histórias tinham linguagem adulta visto que a sociedade mantinha a forma de ver a criança com a capacidade de pensar de um adulto em potencial. Era comum ver as crianças vestindo-se e se comportando da maneira que uma criança jamais faria. ARIÈS (1981, p.65) afirma que “a infância começou a ser descoberta no século X e seus sinais ficaram mais evidentes a partir do século XIII”. Ao observar melhor, muitos escritores de contos infantis modificaram a linguagem para tornar mais infantil, provocando a mudança da postura dos mestres educadores da época.

A criança consegue captar informações com mais riqueza quando entende e compreende o que escuta, assim quando os contos e histórias infantis tem linguagem de fácil compreensão para as crianças da educação infantil alcançaremos os objetivos esperados.

O contador de histórias pode utilizar a contação de histórias como ferramenta para acalmar e distrair as crianças, mas seu objetivo abrange outros focos, pois esta ferramenta, quando bem utilizada tem a capacidade de desenvolver a oralidade da criança, a socialização, o cognitivo além de poder fazer parte do planejamento do professor, um texto para ampliar os conteúdos programados. De acordo com o pedagogismo, Abramovich, (1995, p.17): 15

(...) é através de uma história, que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir, ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo de

história, geografia, filosofia política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula(...).

Quando a criança ouve uma história, viaja em sua imaginação, percebe que o mal está tão presente quanto o bem. Existem várias barreiras a serem ultrapassadas, surgindo decisões de solução que permitem que a vitória aconteça. Todos esses aspectos são itens da vida psíquica da criança, formalizando o método de assimilação.

Aquele herói que luta, passando por tanto sofrimento até chegar à vitória, mostra a possibilidade de não desistir diante das dificuldades da vida real e ter ânimo para superar todos os obstáculos que a vida impõe. É isto que a história faz, cria mecanismos para afrontar os problemas de forma saudável, criativa e dinâmica, levando a criança a um mundo extraordinário, onde os processos vividos pelos personagens e suas aventuras são cheias de significados. A criança percebe isso, ela “embarca” no mundo da história, um mundo de esperança, opções e possibilidades, opções de atitude a tomar diante de uma grande dificuldade, estratégias e soluções criativas para vencer os problemas, criando táticas para lidar com as emoções.

O conto de fadas é a história exclusiva que de jeito simples e simbólico fala dos danos, da fome, da morte, da ausência, do medo, da renúncia, da brutalidade. Eles têm seus alicerces nas etapas do inconsciente grupal, em sentimentos semelhantes a toda a humanidade, por isso descobrimos histórias muito parecidas em várias culturas pelo mundo e em eras diferentes.

A leitura para a criança nas primeiras fases possui um poder extraordinário na futura vida acadêmica, pois dessa forma os sentimentos complexos são organizados de um modo fácil de compreender especialmente pelas crianças, revela que é natural ter pensamentos destrutivo e negativo, que não se é basicamente construtivo e positivo e que é preciso coordenar os sentimentos e as intenções contraditórias.

De acordo com Máximo-Esteves (1998, p.125):

O prazer que a criança tem de ouvir e contar histórias são um claro indicador de que a fantasia e a imaginação são muito importantes para ela conhecer e compreender. Ora as histórias são o modo mais corrente de integrar a cognição e a imaginação, a Educação Ambiental e a fantasia.

A história infantil proporciona na criança uma alegria inexplicável, um prazer que exala por suas atitudes diárias. A história traz ensinamentos positivos para e que nem sempre são percebidos no ato que a criança escuta a história.

Como é reforçado por Abramovich (2003, p. 24):

Ouvir histórias é um momento de gostosura, de prazer de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução [...]. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, postura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a serem resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca [...] (desde que seja uma boa história)

Estas histórias, tão deliciosas, estimulam processos mentais que levarão à organização de ideias adequadas ao direcionamento e ampliação de valores éticos, adequador á para construção da autoestima e da cooperação social.

A criança que escuta histórias infantis tem mais facilidade de sociabilização, e torna-se um jovem mais conscientes, da cooperatividade com o próximo, pois quando se senta em uma roda para escutar a história, comenta, interpreta, reconta, opina, aprende a esperar sua vez de participar, a dar vez ao colega que faz parte da roda de história. Aprende a ouvir, a falar e expressar-se melhor. Percebe-se que o desenvolvimento das crianças que escutam histórias infantis é mais aguçado do que o de criança que não tem esse hábito diário.

Oferecer tal oportunidade para as crianças, de participar de momentos lúdicos, ao mesmo tempo em que gere aprendizagem, significa habilita-la para que possa ampliar as suas potencialidades da língua materna.

Segundo Coelho, (2002 p. 12):

A história infantil mantém o mundo mágico que tem na criança há quem conte histórias para destacar mensagens, repassar conhecimento, fazer obedecer até fazer uma espécie de intimidação se não bagunçar, conto uma história. “se isso” “se aquilo” quando contrário que funciona.

A história acalma, deixa a criança sossegada, chama atenção, informa e educa, enfim apenas pontos positivos são registrados na pratica da contação de história, na vida escolar e social das crianças da educação infantil.

2.3 Contação de história e os professores

O professor da Educação Infantil tem em suas mãos a liberdade de levar para seus alunos um universo de fantasia, um mundo onde as crianças irão se descobrir, de forma divertida e prazerosa.

É de suma importância que o professor utilize métodos dinâmicos para levar a história infantil para seus alunos, dessa forma ficará mais fácil para os mesmos entenderem e compreenderem a história contada.

Como afirma Góes (1997, p. 18):

Privilegiar atividades com histórias e materiais literários tem, por certo, repercussões positivas para a criança. Pesquisas têm indicado que, na infância, as experiências com narrativas, em vários contextos, são instâncias de refinamento da cognição.

Não podemos nos deter apenas na contação de história, o professor pode utilizar-se de vários recursos como: desde simples narrativa; histórias narradas com auxílio do livro; com gravuras; com Flanelógrafo; desenhos, com Recortes; painéis; carimbos; dobraduras; legumes; teatro de sombras; Mala mágica. Enfim são várias as estratégias para tornar as histórias mais dinâmicas. Dependerá da criatividade do professor para desenvolver um trabalho satisfatório com os alunos. (ABRAMOVICH, 2003)

Para que o professor possa ter um bom desenvolvimento em sua contação é preciso preparação antes de iniciar, pois não terá sucesso em seu momento. Ele poderá seguir os seguintes aspectos: primeiramente selecionar a história que será contada de forma minuciosa e cuidadosa e se questionar como as histórias selecionadas irão auxiliar sua turma. Recriar a história. Não se deve eleger uma história e contá-la em sua forma autêntica. É necessário passá-la para a linguagem oral e usar sua criatividade para conta-la. Para finalizar e preciso estudar ler várias vezes o texto visualizando as cenas é saber contar a história e não repeti-la. Abramovich (2003, p.18) destaca que:

Contar histórias é uma arte [...] e tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro [...] Ela é o uso simples e harmônico da voz.

Na atualidade, existem diversos métodos que podem auxiliar o professor em sua contação de história além dos que foram citados acima, tais como: [...] imagens visuais e paisagens sonoras nítidas, e apresenta um sujeito contador com domínio de recursos vocais e corporais [...] muda a intenção de contar, mas permanece o que é essencial: a condição de encantar, de significar o mundo que nos cerca, materializando e dando forma às nossas experiências. (BUSSATTO, 2006, p 10).

O imaginário oferece ajuda que auxiliará a criança na sua forma de compreender, conviver, participar e agir no mundo. Para uma história ser atraente, chamar a atenção, entreter estimular a curiosidade da criança, não é necessário que seja nova para ela, mas que despertem sentimentos, que mostrem soluções, que nem sempre serão percebidas, e que fale na linguagem que a criança se encontra.

As crianças necessitam reviver a fantasia, pois esta propicia ao imaginar um mundo com outras possibilidades. Criar situações criativas e utilizar instrumentos certos tornará o momento de contação de história agradável e satisfatório. O professor deve estimular seus alunos da educação infantil com momentos que os levem a sentar e escutar e prestem atenção num momento. A educadora deve preparar um cantinho na sala de aula e bem criativo, harmonioso e confortável, analisar a iluminação, a posição das cadeiras, a posição em que os alunos estão sentados na roda de leitura. Evitar rodas de leituras em lugares abertos como quadra, pátio ou praças. Tantos cuidados devem ser tomados, pois as crianças despertam facilmente dispensam a atenção. Assim o momento de contação se tornará mais agradável para que o professor tenha êxito em sua contação. (BUSATTO, 2006)

O professor deve tornar a leitura das histórias infantis hábito, diário, assim enriquecerá o vocabulário das crianças, pois elas aprendem com a repetição da ação pedagógica. O momento da contação de história não é apenas diversão. São momentos de aprendizagens, de novos conhecimentos onde os alunos despertam para um novo mundo. O importante é que o professor no exercício da docência, em sendo um leitor, aprecie as peculiaridades das linguagens e, assim, passe essa paixão no processo de formação de leitores. É imprescindível que estas, efetivamente, consigam não somente distinguir a natureza das linguagens, mas também desenvolver o gosto pelo literário, pelo uso estético da linguagem, pelos efeitos estéticos da linguagem, pelos efeitos que ela produz na construção e no enriquecimento da interioridade de cada leitor (ROSING, 2009, p. 134).

O professor tem a oportunidade de estimular o raciocínio de seus alunos através dos novos conhecimentos, dando a oportunidade de participar ativamente dos momentos da contação de história.

Para Poeys (2007), a contação de histórias no processo ensino e aprendizagem do aluno da educação infantil não resolve o problema da qualidade do ensino, mas, se motivado, é fator que responde pela qualidade desta primeira etapa da educação básica.

O compromisso do educador da educação infantil e com a história, enquanto fonte para as necessidades básicas das crianças. Se os pais tiverem o hábito de contar histórias para seus filhos desde pequenos, gostarão de livros vindos a serem leitores ativos em sua vida acadêmica como também por toda sua vida. Elas irão descobrir as histórias como aquelas que lhes eram contadas.

Segundo Coelho (2002, p. 10) “a história faz todos se alegrarem a aula passa ser divertida, prazerosa e o professor estará bem satisfeito com a participação dos seus alunos em suas aulas”. Mas, para que isso ocorra o narrador que será o professor deve estar ciente de que é de suma importância que a história, que sua função é de apenas contar o que aconteceu, emprestando vivacidade à narrativa.

O professor diante da necessidade de passar para seus alunos da educação infantil a história infantil precisa se aperfeiçoar para garantir um bom desenvolvimento na contação. Assim tornará mais fácil para assimilação do que o professor ou contador quer passar para as crianças através da contação de história.

Sisto (1992, p. 43) destaca que é preciso preparar para tal momento.

Aprender uma história para contar é como construir um filme. Temos que visualizar mentalmente cada coisa que vai sendo contada. Seremos capazes de recontá-la de memória sem que tenha sido preciso decorá-la. Selecionamos os gestos e as vozes que serão utilizados como continuadores da palavra, [...]. A palavra, por sua própria força, demanda gestos e expressões que surgem de forma orgânica, como continuidade, nunca como ruptura. [...] Um contador de histórias é também um agente de sua língua. Por isso a correção, a clareza, a eliminação de vícios de linguagem e a preservação da literalidade do texto, mesmo numa fala cotidiana, devem fazer parte de suas preocupações.

O professor deve usar de várias táticas para desenvolver em seus alunos a hábito de escutar história e futuramente serem leitores que compreendam e interprete o que está lendo dessa forma serão leitores conscientes que a leitura

surgia do ouvir e ouvir com estímulo e assim serão agentes que repassarão o que foi desenvolvido durante o período da educação infantil.

2.4 Histórias adequadas para cada faixa etária

A literatura tem suas especificidades para cada idade. As histórias possuem narrativas específicas para um público alvo, ou seja, para que a criança consiga entender a história é preciso que o texto esteja de acordo com sua idade e nível de aprendizado. A linguagem do texto tem que conversar com a realidade do ouvinte, só se pode compreender aquilo que está ao alcance da capacidade de cada um.

Segundo Coelho (2001, p.19), a literatura tem seu fundamento na arte: '[...] fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos em vida prática, o imaginário no real, os ideais e suas possibilidades de realização. '

A literatura é, portanto, um instrumento o qual se dispõe de várias formas e que na sua essência possibilita a construção de um mundo contendo os ideais da realidade e da dimensão íntima e pessoal fruto das vivências, que são conectadas através da construção da escrita, possibilitando tecer estratégias possíveis para transforma-los em realidade.

A contação de história é algo complexo, cheio de novas oportunidades para quem está contando e para quem está ouvindo, através da fala nos comunicamos, expressamos ideias e sentimentos, na sala de aula usamos essa ferramenta de variadas maneiras, a contação de história é um exemplo. Quando os alunos podem recontar uma história é possível perceber como os mesmos se empolgam para contar detalhe por detalhe, as histórias ganham mais vida.

Segundo Abramovich (2006, p.14), ' Ler, significa abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e das vivências dos personagens. '

A leitura de um livro trás conhecimentos de outras realidades e de todos os lugares do mundo, cada página trás uma emoção e um sentimento repassado pelo autor, através das histórias as crianças adquirem maiores vivências, emoções e criam no seu imaginário situações vivenciadas no mundo real.

A prática da leitura melhora a escrita, o raciocínio lógico, a oralidade além de estimular o pensamento crítico, as histórias permitem que a imaginação crie asas, a mesma é uma arte, pois quem conta deve sentir prazer e deve criar uma fonte de alegria e contentamento. Toda arte requer um preparo e um treinamento antes, para ser um bom contador de história é preciso entender o que se conta e repassar a ideia do autor com clareza.

Segundo Dhome (2010), as histórias repassam valores educacionais trabalhando os aspectos internos das crianças tais como, raciocínio, caráter, senso crítico, imaginação criatividade.

De acordo com a autora citada acima de zero a dois anos a criança presta mais atenção no tom de voz e na utilização de recursos visuais como fantoche. Ela não presta muita atenção no conteúdo da história mais sim nos objetos que interagem com ela. As histórias devem ser curtas e rápidas. Histórias com bichinhos, livros de pano com imagens grandes, é essencial deixar a criança ter contato com o livro e os fantoches, pois nessa fase a criança tem a necessidade de tocar.

De três a seis anos as histórias devem ser muito fantasiosas, histórias que contenham fatos repetitivos e inesperados, é de suma importância que os personagens sejam crianças ou animais. Essa é a fase de recontar a mesma história inúmeras vezes, devido o fascínio que essas histórias exercem nas crianças elas geralmente pedem para repetir mais de uma vez.

Em suma o professor deve ficar atento à faixa etária dos seus alunos e escolher uma história que atenda às expectativas das crianças. As crianças devem entender e compreender a história, para que desperte a vontade de ouvir novamente ou até mesmo recontar para seus familiares amigos.

CONCLUSÃO

Em sumo o presente trabalho foi de grande valia para compreender a importância da contação de história no desenvolvimento da criança.

A contação de histórias tem o papel primordial no desenvolvimento da criança, possibilitando o mesmo de ampliar suas oportunidades, enriquecer e transformar sua experiência de vida. Portanto a contação de histórias no ambiente escolar não é somente um recurso didático mais sim uma ferramenta que possibilita lazer e diversão, a mesma é um recurso que apresenta resultados significativos na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. A literatura auxilia na aquisição de conhecimento, pois a partir do momento em que a literatura infantil é inserida no ambiente escolar pode ser vista mudanças positivas.

O professor deve ter o intuito de proporcionar momentos em que os alunos sintam prazer ao estar em contato com a literatura. Portanto o mesmo tem a função de planejar, construir e organizar se necessário reconstruir suas praticas pedagógicas para que assim os resultados sejam alcançados. Quando o aluno tem a oportunidade de escutar ou ler histórias a sua bagagem educacional será aumentada. Para ser um contador de histórias infantis o docente precisa ser dinâmico, criativo e entender algumas técnicas para que o ouvinte se prenda ao mundo da imaginação e voe longe. O professor pode adquirir técnica através de pesquisas, mini cursos, palestras e se possível um curso de teatro, pois quando contamos histórias precisamos interpretar as histórias, e gostar de ler para buscar textos interessantes.

O papel primordial do professor no desenvolvimento da literatura na sala de aula é fazer a mediação entre a criança e a literatura, assim incentivando o aluno para que o mesmo faça o uso da leitura espontaneamente e criticamente. Em síntese o educador ao utilizar a contação de história deve estar atento se a idade das crianças é compatível com a história, se o ambiente está organizado adequadamente, deve perceber se há interesse pela história escolhida e também quais recursos poderão despertar a imaginação e o interesse da criança.

Em resumo as pesquisas bibliográficas salientaram e reforçaram que a utilização da literatura, em especial na Educação Infantil, a contação deve ser uma atividade que proporcione sentimentos, emoções e aprendizagem, necessitando de

uma ação planejada para promover o desenvolvimento integral da criança, tornando o aluno um sujeito crítico, criativo, consciente e produtivo.

O fator mais importante ao contar uma história é o envolvimento e participação da criança, pois quando a mesma se identifica com a história, deve ser dado espaço para que ela fale de suas experiências relacionadas a história. Os recursos utilizados durante a contação da história farão com que os alunos interajam mais e com prazer nessa atividade, criando intimidade com a literatura. É de suma importância os professores relacione a história com diversos assuntos, assim incentivando o desenvolvimento cognitivo, afetivo, intelectual, além de criar situações que favoreçam o aprendizado.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices** 5ª ed. São Paulo: Scipicione, 2006.

ARIES, p. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. Ed. Rio de Janeiro. Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em . Acesso em 11 abr. de 2021.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.

BUSATO, Cléo. **A Arte de Contar Histórias no século XXI**. Petrópolis, RJ: 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teorias, análise, didática**. São Paulo. Moderna, 2000.

DIONET, Vital. **Creche a que veio.... para onde vai....** In: DIONET, Vital (org). Educação Infantil: a creche um bom começo. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. V. 11.n. 73, Brasília, 2001,p, 11-27.

DOHME, Vânia D'angelo. **Técnicas de contar histórias**. São Paulo. Informal Editora, 2000.

KUHLMANN JR. Moisés, M. **A circulação das ideias sobre a educação das crianças;** Brasil, início do século XX. In: KUHLMANN JR., M.; FREITAS, M. C. de. (Orgs.). Os intelectuais na história da infância. São Paulo: Cortez, 2000.

TAHAN, Malba. **O Homem que Calculava**. Rio de Janeiro: 42ª edição, Record, 1996. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981, p.29- 164.

UCAS, E. R. O; CALDIN, C.F; SILVA, P. V. P. **Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso**. *Perspect. Ciênc. Inf.*, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, set./dez. 2006. 19329 Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413->